

**MECANICISMOS ITINERANTES: O LOCAL E O GLOBAL NOS
EMPREENHIMENTOS DE LAZER PRIVADOS DE SÃO PAULO – O CASO DO
PARQUE SHANGHAI (1934-1968)**

Recebido em: 17/12/2024

Aprovado em: 19/08/2025

Licença: 

Larissa Maria de Oliveira¹

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

São Paulo – SP – Brasil

<https://orcid.org/0009-0000-7312-5865>

RESUMO: O texto aqui apresentado visa construir uma resenha crítica do livro “Emoções mecânicas”: a História do Parque de Diversões Shanghai (1934-1968). A partir das discussões engendradas pelo historiador Hennan Gessi, também dissertaremos sobre as diferentes escalas desse empreendimento do lazer, que para além do seu roteiro itinerante em variadas cidades do Brasil, tem como origem a Argentina e diversas influências, em seus aparatos mecânicos, da Europa e dos Estados Unidos. Trataremos, a partir dos conceitos abordados pelo pesquisador, de um breve resumo da noção de lazer ao longo da História e como esse moldou e foi moldado pela sociedade. Diante dessa introdução, discutiremos sobre a trajetória do Shanghai em seu jogo de escalas pela América Latina, até seu derradeiro desfecho na cidade de São Paulo e a sua mudança para o bairro da Penha, no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer. Parque Shanghai. Perspectiva global.

**ITINERANT MECHANISMS: THE LOCAL AND THE GLOBAL IN PRIVATE
LEISURE VENTURES IN SÃO PAULO – THE CASE OF SHANGHAI
AMUSEMENT PARK (1934-1968)**

ABSTRACT: The text presented here aims to construct a critical review of the book “Mechanical emotions”: the History of the Shanghai Amusement Park (1934-1968). Based on the discussions brought forth by historian Hennan Gessi, we will also discuss the different scales of this leisure enterprise, which, beyond its itinerant route in various cities in Brazil, originated in Argentina and drew various influences, in its mechanical apparatuses, from Europe and the United States. From the concepts addressed by the researcher, we will provide a brief summary of the notion of leisure throughout History and how it has shaped and been shaped by society. Following this introduction, we will discuss the trajectory of the Shanghai amusement park through its scale shifts across

¹ Arquiteta e Urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2019). Mestranda em História na UNIFESP e membra do Grupo de Pesquisa CNPq “CAPPH – Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica” < <https://site.unifesp.br/capph/> >.

Latin America, until its ultimate conclusion in the city of São Paulo and its move to the Penha neighborhood in Rio de Janeiro.

KEYWORDS: Leisure. Shanghai amusement park. Global perspective.

Introdução

Lazer² • substantivo masculino

1. Descanso ou pausa no trabalho em uma atividade; folga, ócio, repouso;
2. Diversão ou ocupação que se escolhe para os momentos de tempo livre; distração. Entretenimento, recreação.

Qual a dimensão do lazer em nosso mundo capitalista? Rodeados de perspectivas neoliberais, que alavancam jornadas extensivas de trabalho e uma produtividade exacerbada, o chamado “tempo livre” é esquecido em meio às dinâmicas contemporâneas³. O conceito, que se transformou ao longo do tempo e dos diversos embates políticos e socioeconômicos, faz parte — ou deveria fazer — também do planejamento das cidades e de seus espaços, sejam esses angariados pela iniciativa pública ou privada. E é acerca da última que versa o livro do historiador Hennan Gessi⁴, *“Emoções Mecânicas”: a História do Parque de Diversões Shanghai (1934-1968)* (Gessi, 2023), produto posterior à sua pesquisa de mestrado em História na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

O pesquisador, a partir de uma primorosa e apurada investigação de diferentes fontes primárias (entre elas, periódicos, processos municipais e iconografias), traça a

² LAZER. In: Dicionário Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lazer/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

³ Como indica o sociólogo Felipe Mateus de Almeida (2021, p. 207): “Se em tempos anteriores ao capitalismo o ócio era visto como uma prática contemplativa que servia como um mecanismo de evolução, estudo e descanso para aqueles que podiam gozar desse privilégio; com o surgimento do modo de produção capitalista e de suas relações sociais, o ócio perde seu aspecto positivo e passa a ser visto como uma prática negativa, dando lugar a um novo discurso e prática: a do trabalho produtivo”.

⁴ Hennan Gessi é bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP, 2014), mestre em História pela mesma instituição (2017) e Especialista em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2020).

trajetória do parque de diversões Shanghai, empresa que foi responsável por, durante boa parte do século XX, proporcionar um ambiente de risos, brincadeiras e entretenimento nas principais cidades do país. O interessante aqui é que, para além de construir uma biografia desse empreendimento do lazer, o autor desvela, de maneira ampla, como esse estava inserido frente às diversas transformações (ou demolições) urbanas de uma São Paulo e um Rio de Janeiro que, no auge de uma incessante busca tecnicista pelo progresso, tentavam adaptar seus espaços para abarcar uma população que crescia exponencialmente na primeira metade dos 1900⁵ e que se adequava aos novos modos de vida que agora incluíam a industrialização e o automóvel, típica da chamada modernidade. Em adição a essa escala local — aqui entendida como aquela da municipalidade e seus bairros — era também o global⁶ alvo de distintas modificações — é o momento da disputa de duas Grandes Guerras, as quais ainda que contidas fora do ambiente sul-americano, não deixaram de afetá-lo em ordem econômica e política. Isto posto, Gessi utiliza de ferramental teórico para adversar a máxima de que São Paulo “foi mais triste do que alegre” (Atique, 2023, p. 16), proposição quase que controversa para aqueles que enfrentam diariamente o caos que circunda, incessantemente, a metrópole.

Para tal, sua discussão se inicia, no capítulo 1 (“*Produzindo Gargalhadas?*” *Lazer: “Sinestésias”, Dominação e Conflito*) a partir da introdução de como a concepção de lazer foi se moldando em perspectiva histórica, mostrando que o conceito não se deu de maneira estática e perene ao longo dos séculos, mas sim se atualizou e se renovou frente às mais distintas demandas — positivas ou não (Gessi, 2023). Faz-se

⁵ É impressionante observar que, de 64.934 habitantes em 1890, a cidade de São Paulo passa a ter 2.198.098 residentes em 1950 — um aumento de quase 34 vezes em 60 anos (IBGE, 2024).

⁶ O conceito de global aqui interpretado é o da discussão contemporânea versada pela Teoria da História. Diversos autores tratam do tema com maestria. Entre eles, podemos apontar: Sebastian Conrad, Sanjay Subrahmanyam e Pamela Kyle Crossley.

necessário, de antemão, perceber como as relações de trabalho são apresentadas em cada período, tal qual entender a sua interconexão com os intervalos de lazer. São esses opostos ou complementares? É possível decompor o entretenimento de nossos ofícios?

A fim de responder esses questionamentos, o historiador assinala diferentes teóricos que, ao longo dos séculos XIX, XX e XXI versam sobre as práticas de lazer com o objetivo de construir um panorama conceitual desse campo de estudos. Podemos citar aqui o trabalho do sociólogo Joffre Dumazedier, o qual indica que “trabalho e lazer não são desconexos, mas, sim, elementos que estabelecem reciprocidade, assim, estando um em desequilíbrio, por consequência afetará o outro” (Dumazedier, 1973 *apud* Gessi, 2023, p. 37). O mesmo é corroborado por Georges Friedmann que “delineia o ser humano como indivisível, presumindo que suas ações, embora distintas, dialogam entre si”. Assim, “(...) ao dissertar sobre lazer e trabalho, aponta a inevitável interferência que se constitui nessa relação” (Friedmann, 1972 *apud* Gessi, 2023, p. 37). Gessi finaliza o trecho com a visão de Domenico de Masi, que, tal como os dois outros autores anteriormente citados, é contra a divisão “trabalho *versus* lazer”. Afirmo o sociólogo (De Masi, 2000, p. 99 *apud* Gessi, 2023, p. 39):

A plenitude da atividade humana apenas é alcançada quando se acumulam o estudo, o trabalho e o jogo (...). Aquele que é mestre na arte de viver faz pouca distinção entre o seu trabalho e o seu tempo livre, entre a sua mente e o seu corpo, entre a sua educação e sua recreação. Distingue uma coisa da outra com dificuldade. Almeja a excelência em qualquer coisa que faça, deixando, aos demais, a tarefa de decidir se está trabalhando ou se divertindo. Ele acredita que está sempre fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Após tais discussões de dimensão teórica, somos levados a pensar sobre a trajetória da definição para além do campo das ideias, ocupando-se de sua aplicabilidade de forma prática. Assim, o autor nos apresenta ao conjunto de transformações e medidas histórico-urbanas que dela tomam posse, as quais tem como início a industrialização. É assim que surge uma “apropriação utilitarista do lazer”

(Gessi, 2023, p. 43), entremeada por um ambiente marcado por exaustivas horas de trabalho, espaços insalubres e precárias condições de ofício. Tal fator passa então a desencadear a insatisfação do operariado, que tenta resisti-lo, mas não sem sofrer desafiamento por parte de suas autoridades.

Esses, preocupados com o uso que seus subordinados fariam do tempo a partir da conquista de jornadas reduzidas de trabalho, passam a querer controlá-lo, para além do ambiente da fábrica — “o lazer despontou, então, como uma possibilidade de se estender o domínio empreendido no ambiente do trabalho sobre a vida privada do trabalhador” (Gessi, 2023, p. 44). No meio dessas iniciativas, Gessi indica o lazer ativo como ferramenta para a disciplinarização do operariado⁷; peça fundamental de controle que se estende até a vida privada, sendo esse, mais uma vez, regulado pela elite industrial (Gessi, 2023). É nesse meio que “(...) emergem as ‘recreações racionais’, valorizando-se atividades como o escotismo e o esporte, relevantes à regulação física e mental dos trabalhadores (...)” (Melo, 2010 *apud* Gessi, 2023, p. 44), bem como as transformações urbanas que fomentaram esse ideal. Os parques e jardins urbanos surgem nessa alçada:

No transcurso do século XIX, o tempo livre conquistado pelas reivindicações dos trabalhadores fabris suscitou temor na classe patronal, desencadeando iniciativas de controle, e passou a ser uma preocupação do “Movimento Higienista” que, pautado pelo sanitarismo e apoiado pela ciência, para além das ações que promoveu no espaço urbano visando sanar os problemas ambientais advindos do industrialismo, buscava em suas operações moralizar as classes populares, reputadas como ignóbeis (Niemeyer, 2005). (...) “Localizar as diversões do trabalhador, moralizá-las e submetê-las a regras” consistiram em iniciativas conjuntas entre os higienistas e as autoridades político-econômicas, despontando uma valorização do parque urbano como espaço apropriado de lazer ao meio social. O lazer ativo, voltado às massas, passou a condicionar a estrutura desses ambientes privilegiando grandes vias internas destinadas para passeios, áreas para prática de esportes e recreação, em geral (Bresciani, 1985/1986, p. 31; Niemeyer, 2005, p. 29) (Gessi, 2023, p. 45-46).

⁷ Gessi faz aqui o uso do conceito da “disciplinarização dos corpos”, adotado por Michel Foucault (1926-1984) em seu livro *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão* (capítulo I da terceira parte, denominado “Corpos dóceis”) (Foucault, 1987 *apud* Gessi, 2023, p. 43).

Em São Paulo, segundo a análise que o autor faz de Timóteo (2008), podemos observar esse artifício nas propostas do prefeito e vereador Luiz Ignácio Romeiro de Anhaia Mello em meados da década de 1920. Seguindo tal caráter higienista, o urbanista “enaltecia a criação de parques para fruição ativa” (Timóteo, 2008 *apud* Gessi, 2023, p. 49) na cidade de São Paulo, proposta que impulsionava “(...) a difusão de espaços de lazer para promover a cultura de um corpo saudável por meio do esporte, e conscientizar a população pelo desenvolvimento de atividades educativas nesses ambientes (...)” (Timóteo, 2008 *apud* Gessi, 2023, p. 48-49). No entanto, Anhaia Mello defendia as intervenções de ordem pública, financiadas pelo Estado (Timóteo, 2008). E quanto às implementações de ordem privada, mais especificamente os parques de diversões? Vejamos a seguir.

Esse formato de lazer, intrinsicamente ligado às máquinas como forma de entretenimento, capaz de proporcionar “emoções mirabolantes” (Gessi, 2023, p. 61), tem como ponto de partida a cidade de Chicago, na *World’s Columbian Exposition*, de 1893. Nessa, foram reunidos “(...) cenários e personagens exóticos em área de pouco mais de um quilômetro, que também abrigava um monumental engenho mecânico — a Ferris Wheel, uma roda gigante elaborada pelo engenheiro George Washington Gale Ferris (...)” (Ciucci; Manieri-Elia; Tafuri, 1975; Martinez, 1999 *apud* Gessi, 2023, p. 65-66). O ineditismo dessa ação chamou a atenção de diversos investidores, os quais iniciam a formalização do formato parque de diversões (Oliveira; Righi, 2002 *apud* Gessi, 2023).

Gessi, de forma exemplar, passa então a indicar algumas experiências de lazer mecanizado que se alargaram pelos Estados Unidos. As mais famosas — e que até hoje perpassam o imaginário estadunidense — podem ser encontradas em Coney Island,

península do distrito do Brooklyn, Nova Iorque. Nos limitaremos aqui a citar o Luna Park, que influenciou até mesmo parques de diversões na metrópole paulista⁸. De natureza temática, a partir de 1903 “recebeu por volta de sessenta milhões de visitantes” (Gessi, 2023, p. 70) ao longo de quarenta anos, marcados pela “viagem à Lua” proporcionada ao seu público:

Ao entrar no *Luna Park*, as multidões se transformavam em astronautas numa câmara de vácuo conceitual, por onde todos têm de passar. A viagem à Lua se dava na Aeronave Luna IV. (...) Uma vez a bordo da grande nave, suas asas enormes sobem e descem, a viagem começa e a nave logo passa trinta metros de altura. Uma ampla e sensacional vista do mar que banha Manhattan e Long Island parece ir sendo reduzida à medida que a aeronave vai subindo. (...) As casas vão diminuindo até que a Terra some de vista enquanto a Lua aumenta cada vez mais de tamanho. Ao passar sobre o satélite lunar, vê-se a natureza árida e desolada de sua superfície. A aeronave pousa suavemente, os passageiros desembarcam e entram nas cavernas frias da Lua (Koolhaas, 2008, p. 60 *apud* Gessi, 2023, p. 69-70).

Não tão distante, apareceram empreendimentos no Brasil que se assemelhavam a essas experiências vividas, em um período de efervescência de transformações que afetavam não só o país, mas o cenário global, o qual industrializava e modernizava o seu setor econômico e produtivo. É nessa rede de interações que São Paulo desponta como forte centro operacional do período, conforme indica Gessi (2023) na introdução do capítulo 2 (“*Os Paulistanos se Divertem?*” *Lazer e Urbanidade na Identidade da Metrópole*):

Podemos afirmar que, no início do século XX, São Paulo já vivia a gestação de sua “metropolização”, e as mudanças estéticas, habitacionais e viárias desenvolvidas em seu espaço físico, que provocaram tanto entusiasmo nas elites, prontamente se fizeram presentes em sua produção cultural, não de maneira estranha também amplamente gerida por esta (p. 81).

É nesse entremeio de diversas transições que surge a experiência do Parque Shanghai, irrompendo como iniciativa itinerante em diversas cidades do país. E é a partir do capítulo 3, *Os Primórdios do Parque de Diversões Shanghai: Sua Itinerância No Brasil*, que o historiador abarca tal período “viajante” do empreendimento,

⁸ O Luna Park teve uma versão homônima construída pela Ferraris e Cia, na Água Branca, São Paulo (Gessi, 2023, p. 70 e 116).

instigando-nos a perceber seus deslocamentos de ordem **local** e **transnacional**, proposição a ser trabalhada aqui no item subsequente.

O Micro e o Macro, o Local e o Global: As Diferentes Escalas do Lazer no Parque Shanghai

Local⁹ • adjetivo masculino e feminino

1. Relativo ou pertencente a um determinado lugar; localista;
2. Que é peculiar de um lugar ou região”.

Global¹⁰ • adjetivo masculino e feminino

1. Relativo ou pertencente ao globo terrestre; mundial, universal;
2. Que é considerado por inteiro, em conjunto, em totalidade; macrocósmico;
3. Que está completo e a que não falta nada; integral, total.

Apresentadas as diferentes conceituações do lazer ao longo do tempo e sua instrumentalização por parte das diversas camadas, adentremos ao mundo contemplado pelo Parque Shanghai. Empreendimento criado por Gaspar José Luis Zaragueta, Gessi indica, por hipótese, que seu início no Brasil tenha se dado no ano de 1934 (Gessi, 2023). Isso pois sua origem é argentina — mais especificamente, na cidade de Buenos Aires —, país no qual Zaragueta, espanhol, teria se naturalizado (Gessi, 2023). Após grande sucesso em terras portenhas, o empresário resolve se enveredar — ou, por que não, *se deslocar* — para outros espaços da América do Sul, elegendo o Brasil como sua morada¹¹.

Sua primeira aparição surge no Rio de Janeiro, na VII Feira Internacional de Amostras, momento em que Zaragueta une forças a outra figura estrangeira — Manoel

⁹ LOCAL. In: Dicionário Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/local/>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

¹⁰ GLOBAL. In: Dicionário Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/global/>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

¹¹ Importante aqui indicar que outras cidades da América do Sul também receberam as atrações da empresa de Gaspar Zaragueta. Podemos citar aqui também, segundo o próprio empreendedor, Mar del Plata e Montevideu (Gessi, 2023, p. 122).

Valentias Caballero, uruguaio e empreendedor no ramo de diversões (Gessi, 2023). Nesse momento, podemos observar como essas conexões transfronteiriças são estabelecidas e promovem a circulação de modelos, pessoas e fluxos em rede, as quais “exercem um impacto direto mesmo sobre aqueles que não fazem parte delas” (Conrad, 2019, p. 156). O início do século XX, marcado pela vinda de imigrantes como mão de obra operária, aparece aqui também como momento da chegada de expoentes da iniciativa privada, que viam no país uma oportunidade de expandir seus negócios e, consequentemente, suas receitas.

Ainda que iniciada na capital federal à época, a trajetória do parque não se restringiu somente a essa. Gessi nos indica que o Shanghai segue, em 1936, para Campinas, na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes; no mesmo ano, também aparece na Feira de Amostras de Minas Gerais, em Belo Horizonte; em 1937, na Exposição-Feira Agropecuária e Industrial, em Ribeirão Preto; e, posteriormente, na Exposição do Cinquentenário da Imigração Oficial do Estado, na cidade de São Paulo, realizada no Parque Dom Pedro II (Gessi, 2023). Interessante é notar que, embora siga um padrão — a apresentação em exposições-feiras — o parque não se manteve restrito ao eixo Rio-São Paulo, transitando pelos mais diversos espaços do Brasil.

É importante salientar, como aponta Gessi, que as feiras internacionais — especialmente aquelas realizadas no Rio de Janeiro, centro político-administrativo naquele momento —, se moldavam como importante ferramenta propagandística de caráter monumental por parte do Estado Novo, “(...) período em que o Brasil esteve (...) ancorado em uma doutrina nacionalista, priorizando investimentos no setor industrial” e “o governo, atuando sobre o ‘imaginário coletivo’ por intermédio de uma política

intervencionista, intentando construir uma ‘identidade nacional unificadora’” (Al Assal, 2014 *apud* Gessi, 2023, p. 126). De mesma magnitude das exposições universais do século XIX (Gessi, 2023), capazes de “modelar todo um imaginário da modernidade” (Santos, 2013, p. 2), essas estavam inseridas na tentativa do Estado em indicar suas primazias, em um contexto global — **macro** — de disputas e entre guerras.

Tais deslocamentos não abraçavam somente a dimensão latino-americana — as influências chegavam e eram buscadas no âmbito do lazer pelos seus proprietários em países como os Estados Unidos ou no continente europeu. Nesse contexto, Zaragüeta dispôs de diversas viagens para descobrir “inovações mecânicas” para seus parques, principalmente no que diz respeito a novos equipamentos. Hennis Gessi exemplifica tal fato pela locomoção do empresário para visitar a Exposição Universal de Paris de 1937, em busca de “novidades de entretenimento” (Gessi, 2023, p. 122), com a finalidade de “trazê-las ao Brasil”. Continua o historiador:

Em outubro daquele ano, já pôde ser notado o resultado da viagem do empreendedor, que promoveu a atração denominada “Pavilhão da Gargalhada” na X Feira de Amostras do Rio de Janeiro, influenciado pelo contato obtido com equipamento semelhante durante sua prospecção na Europa (Gessi, 2023, p. 123).

É na XII Feira Internacional de Amostras, em 1939, no Rio de Janeiro, que podemos ver mais uma vez tais tendências e influências transitando, em escala transnacional — “(...) entre as atrações que seriam ofertadas na celebração cinco seriam inéditas, inteiramente desconhecidas no Brasil, lançadas anteriormente na Feira Internacional de Nova Iorque” (Gessi, 2023, p. 130). As atrações, que se juntavam as demais 52 oferecidas no evento pelo Parque Shanghai, potencializavam o que era visto como um grande espaço de lazer para a capital.

Percebemos que esses movimentos, quando observados de forma ampla a partir dos contextos globais, são habilmente entrelaçados pelo autor em um jogo de escalas que consegue “capturar as regularidades de grandes processos transfronteiriços, prestando atenção, ao mesmo tempo, ao nível local” (Conrad, 2019, p. 152). Isso nos oferece uma chave de leitura que indica a possibilidade de enxergar e investigar como os Estados Unidos e a Europa foram moldados por essas conexões, não apenas através de uma história “autogerada”, mas também impactada por todos esses movimentos (Conrad, 2019). Dessa forma, passamos a ver além da simples circulação dessas ideias, atentando-nos também para sua difusão¹².

Continuando essa análise, no capítulo 4, “*Uma Roda (da Fortuna) Gigante*”: *A fixação do Parque Shanghai em São Paulo e no Rio de Janeiro e Suas Conexões Empresariais*, somos finalmente apresentados à “dimensão estática” do empreendimento em ambas as cidades. De forma engenhosa, Gessi nos conduz pela ascensão e a posterior queda — ou, no caso de São Paulo, desfecho — do Parque Shanghai. O historiador, entremeando os fatos históricos que moldaram e atravessaram o planejamento urbano das capitais ao longo do século XX, bem como as disputas entre a dimensão privada — o próprio Shanghai — e pública — a Prefeitura —, nos introduz ao processo de desfalecimento que atravessou o parque. Assim, voltamos mais uma vez para a escala do **local** — o Parque da Quinta da Boa Vista e o Parque Dom Pedro II.

No trecho, o pesquisador nos mostra como, tanto em São Paulo como no Rio, as diversas transformações propostas pela municipalidade, em busca de um caráter

¹² A historiadora Barbara Weinstein nos apresenta essa conceituação ao tratar do viés transnacional. Para ver mais, consultar: WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. L.], n. 14, p. 10–31, 2015. DOI: 10.46752/anphlac.14.2013.2331. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2331>. Acesso em: 08 jan. 2026.

moderno, fadaram a sua história na primeira cidade ao fim e, na segunda, a mais uma mudança de localidade:

(...) as sucessivas alterações físicas lideradas pela municipalidade no espaço onde se configurava a antiga várzea do Carmo condenaram o Parque Shanghai a encerrar suas atividades, bem como descaracterizam significativamente o parque público instalado naquele local que deixou de ser, sobremaneira, a partir do final da década 1960, ambiente de permanência, de sociabilidade e de lazer, tornando-se lugar de passagem, articulação viária e degradação (Guaraldo, 2002; Filgueiras, 2016). (...) Revelamos também as semelhanças do caso paulista com o ocorrido onde esse parque de diversões esteve instalado na cidade do Rio de Janeiro, que ocasionou sua mudança de São Cristóvão para o bairro da Penha, evidenciando como a efetivação de determinadas representações e projetos políticos induz a transformações no espaço urbano (Gessi, 2023, p. 166).

O Parque, que em sua participação nas Feiras de Amostras do Rio de Janeiro, funcionava como modelo propulsor da campanha do Estado Novo, visto como seu grande aliado, agora era colocado como um empecilho persistente para a expansão e melhoramento das cidades, em um movimento que se submergia na busca pelo progresso. Segundo Gessi, “no Rio de Janeiro, o mau estado de conservação da Quinta da Boa Vista se tornou uma das justificativas para sua saída, pois seus dias de função contribuíram para a ‘degradação do local’” (Gessi, 2023, p. 202). Já em São Paulo, “o encerramento de suas atividades decorre em razão de transformações viárias”¹³, já que “o Parque Shanghai ocupava área que seria absorvida pelo plano de urbanização do Parque Dom Pedro II (...)” (Gessi, 2023, p. 214).

Enfim, em um último momento, no mesmo capítulo, retornamos às **redes**. O autor faz uma “incursão latino-americana” nos apresentando a versão portenha do Parque Shanghai: o Parque Japonês, que não coincidentemente faz uso, como o primeiro, de elementos da cultura asiática para afirmar a sua temática. Neste trecho

¹³ Podemos citar aqui a construção dos seis viadutos sobre o Parque Dom Pedro II, complexo “concluído na gestão de Paulo Maluf (1969-1971)” que “passaram a configurar a paisagem do Parque, modificando definitivamente a escala da paisagem local, descaracterizando a área como espaço livre público destinado ao lazer e a recreação, favorecendo o transporte automobilístico” (Vidotte, 2019, p. 14).

captamos que não é só esse o fator deslocado para a versão brasileira do parque; o seu caráter itinerante também foi mantido no primeiro empreendimento de Zaragueta na Argentina. Ainda assim, o Parque Japonês foi inspirado em um modelo precedente, localizado próximo ao local em que foi instalado pelo empresário, em uma clara alusão a essa inspiração. Essa influência se alastra para o Shanghai, que, conforme nos indica Gessi, possui similitudes (e diferenças) com o Japonês argentino de Gaspar Zaragueta:

A análise do conjunto de equipamentos que integraram o Parque Shanghai até a década de 1960 possibilitou-nos também compreender que os empreendimentos de Gaspar Zaragueta em ambos os países eram dotados de similaridades. As viagens de captação pela Europa e pelos Estados Unidos realizadas pelo empresário beneficiaram as “franquias” do Brasil e da Argentina. O artigo de Miller [2003] evidencia a existência de atrações no Parque Japonês que também contemplaram seu “coirmão” brasileiro, como o “Globo da Morte”, divertimento em que o público era “brindado” com arrojadas exhibições de ciclistas e motociclistas em uma esfera de aço. Ademais, expõe também distrações que aparentemente não foram disponibilizadas nas franquias brasileiras, dentre as quais máquinas que ofereciam aos visitantes perspectivas acerca de temas de seu interesse (Gessi, 2023, p. 220).

No Brasil, seja na transição de São Cristóvão para a Penha, no Rio de Janeiro, ou do Parque Dom Pedro II, para se manter no imaginário e memória de seus frequentadores, em São Paulo, Hennan Gessi nos mostra que há muito mais no lazer mecânico do que “gostasas gargalhadas” e “gritos de histeria”. Percebemos aqui como o Shanghai moldou o cenário das cidades e de seus ocupantes e somos convidados a entender como o lazer ainda se reflete e se apresenta na sociedade contemporânea, ainda que muitas vezes renegado a um segundo plano.

Considerações Finais

A partir da leitura de “Emoções Mecânicas”: A História do Parque de Diversões Shanghai, descortinamos a dimensão do lazer não apenas na Paulicéia, mas também na escala das redes de empreendimentos que transitavam aqui, na América Latina, ao

mesmo tempo que sofriam influências dos ideais modernos que assolavam as grandes metrópoles americanas e europeias. Em escala micro, acompanhamos a trajetória de Gaspar Zaragueta em suas empreitadas em busca da obtenção de novidades mecânicas para seus parques pelos diversos países afora; enquanto que no macro, observamos as influências e os grandes esquemas nos quais se consolida o parque — as mudanças políticas, sociais e econômicas de um mundo entre guerras, de um Estado Novo nacionalista e as transformações urbanísticas das metrópoles em busca de um ideal de progresso. É a partir de tais complexos entrelaçamentos que se delineia a história do Shanghai.

Em sua explanação, Hennan costura a presença massiva de estrangeiros no fomento de lazer na cidade de São Paulo — entre eles, podemos citar as “companhias cinematográficas, teatros e circos” (Gessi, 2023, p. 94) que, em pleno século XX, passam a incluir uma nova dimensão na vida da metrópole. Seus espaços, ainda que muitas vezes efêmeros (como vimos na própria experiência do Shanghai), parecem se mesclar bem a uma cidade arrebatada pelo espírito do turbilhão da modernidade, que tanto se transforma. Assim, formaram-se verdadeiros “conglomerados do lazer”, visto que muitas vezes um mesmo empresário e sua família estavam vinculados a diversos empreendimentos do setor — sejam esses voltados para as classes populares ou para a elites (Gessi, 2023).

Devemos, no entanto, a começar por esse núcleo, expandir as fronteiras e integrar também *o outro lado* dessas influências, tratando-as como recíprocas (Levi, 2020). Assim, abrimos uma chave de leitura para entendermos essas relações não apenas como uma “rua de mão única”, mas sim interpretar essa questão a partir de diferentes pontos de origem e de irradiação, perpassando “as noções mais convencionais

do ‘imperialismo cultural’” e adotando o modelo de “circulação cultural”, indicando “a constante reformulação de ideias, de propostas e de práticas culturais de um contexto para outro” (Weinstein, 2015, p. 17). É dessa maneira que concluímos que a “(...) história dos Estados Unidos [e incluímos aqui também, da Europa] seria impossível de se entender sem se considerarem as inúmeras e fortes influências que envolveram a América Latina” (Weinstein, 2015, p. 18). Indiscutivelmente, ainda que naturalizado argentino e, posteriormente, residente no Brasil, Zaragueta e os demais estrangeiros que participavam da promoção do lazer no Brasil pertenciam também a uma rede de processos e conexões no campo do lazer que perpassava esses países, extrapolando suas fronteiras.

Ao longo de seu registro, com esse jogo de proporções e seu olhar metódico e abalizado, Gessi nos convida a desvelarmos o espaço para além do produtivismo e do mundo do trabalho, que tanto abrange os grandes feitos da historiografia. O parque aqui também se faz personagem, seja em seu período de itinerância ou inerte, se mantendo na lembrança daqueles que o frequentaram e vivenciaram suas emoções. Protagonista e alvo de mudanças, visualizamos seu curso desde sua concepção na Argentina e, em seguida, sua chegada ao Brasil, bem como as “andanças” de grande sucesso pelas exposições-feiras que atravessaram todo o país. Motivo de regozijo para muitos daqueles que de seus eventos participaram, teve como fim, em São Paulo, na década de 60, o mesmo que muitos outros equipamentos e edifícios que de alguma forma eram vistos como obstáculos para o “progresso”, atravessados pela tendência rodoviarista.

Somos convidados, assim, a também refletir sobre a cidade e o urbanismo, bem como os jogos de poder que os articulam. Agora, perto de um século depois da idealização do Parque Shanghai, nos parece que as “parcerias público-privadas”, ou, ao

fim e ao cabo, as *privatizações* para o fomento do lazer¹⁴ seguem como principal instrumento para sua propagação, tendência que invade todas as estruturas da vida pública. Somos assim reféns de uma cidade que não só carece de espaços de divertimento, mas que também se conjectura com uma perspectiva neoliberal e excludente, segregando seus próprios habitantes.

Imortalizado agora em formato de livro, esta obra, que com profundidade abarca os diferentes momentos do Shanghai, se destaca como uma significativa contribuição para os estudos de lazer. Com uma leitura leve, porém detalhada e precisa, oferece-nos uma interpretação vívida e envolvente de seu ambiente, permitindo que aqueles que não permearam os espaços do parque tenham uma rutilante interpretação de sua atmosfera, risos e gargalhadas, bem como dos sensíveis sonhos por ali construídos e permeados.

REFERÊNCIAS

AL ASSAL, Marianna Ramos Boghosian. **Arenas Nem Tão Pacíficas**: Arquitetura e Projetos Políticos em Exposições Universais de Finais da Década de 1930. 2014. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: 10.11606/T.16.2014.tde-17062015-152616. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-17062015-152616/pt-br.php>. Acesso em: 08 jan. 2025.

ALMEIDA, Felipe Mateus de. O conceito de lazer: uma análise crítica. **Novos Rumos Sociológicos**, [S.L.], v. 9, n. 16, p. 206-229, 30 dez. 2021. Universidade Federal de Pelotas. DOI: <http://dx.doi.org/10.15210/norus.v9i16.21887>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/21887>. Acesso em: 09 jan. 2026.

ATIQUE, Fernando. Um riso esquecido na pauliceia ou das gargalhadas sinceras no Parque Shanghai. Prefácio. In: GESSI, Hennan. **“Emoções mecânicas”**: a História do Parque de Diversões Shanghai (1934-1968). São Paulo: Unifesp, 2023. p. 15-18.

¹⁴ Podemos citar aqui três experiências do tipo na própria cidade de São Paulo: a primeira, a concessão do Parque Ibirapuera para a empresa Urbia, que desde 2020 realiza a gestão dos seus serviços (Mutchnik, 2021); a segunda, o Estádio do Pacaembu, que passou administrado pela concessionária Allegra Pacaembu a partir de 2019 (Mancuso, 2020); e o Zoológico de São Paulo, que, juntamente ao Jardim Botânico, foi concedido à Iniciativa Privada por R\$ 111 milhões (Satie, 2021).

BRESCIANI, Maria Stella Martins. Lógica e Dissonância. Sociedade de Trabalho: Lei, Ciência, Disciplina e Resistência Operária. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 6, n. 11, set. 1985/fev. 1986.

CIUCCI, Giorgio; MANIERI-ELIA, Mario; TAFURI, Manfredo. **La Ciudad Americana de la Guerra Civil ao New Deal**. Barcelona, Gustavo Gilli, 1975.

CONRAD, Sebastian. **O que é história global?** Lisboa: Edições 70, 2019. 311 p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

FILGUEIRAS, Tarcísio. **Viadutos sobre o Parque Dom Pedro II**: Reflexões sobre o Papel do Estado e da Racionalidade tecnocrática na Produção do Espaço Urbano. Trabalho de graduação integrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRIEDMANN, Georges. **O Trabalho em Migalhas**: Especialização e Lazeres. São Paulo, Perspectiva, 1972.

GESSI, Hennan. “**Emoções mecânicas**”: a História do Parque de Diversões Shanghai (1934-1968). São Paulo: Unifesp, 2023. 256 p.

GLOBAL. In: **Dicionário Michaelis**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/global/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

GUARALDO, Eliane. **Repertório e identidade**: espaços públicos em São Paulo (1890-1930). 2002. Tese (Doutorado) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

IBGE — INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População dos municípios das capitais e percentual da população dos municípios das capitais em relação aos das unidades da federação nos Censos Demográficos**. São Paulo: IBGE, 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1287#/n6/3550308/v/591/p/all/l/v,p,t/resultado>. Acesso em: 01 jul. 2024.

KOOLHAS, Rem. **Nova York Delirante**: um Manifesto Retroativo para Manhattan. São Paulo, Cosac Naify, 2008.

LAZER. In: **Dicionário Michaelis**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lazer/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre. **Micro-história**: um método em transformação. São Paulo: Letra&Voz, 2020. p. 19-34.

LOCAL. In: **Dicionário Michaelis**, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/local/>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MANCUSO, Filippo. Iniciativa privada assume administração do Pacaembu e construirá prédio em trecho de arquibancada do estádio. **G1 São Paulo**. São Paulo, 24 jan. 2020. G1, n.p. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/24/iniciativa-privada-assume-administracao-do-pacaembu-e-construira-predio-em-trecho-de-arquibancada-do-estadio.ghml>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MARTINEZ, Marcelo Salomão. **Parques de diversões**. Histórico, caracterização e análise da indústria no Brasil. 1999. 122 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

MASI, Domenico de. **O Ócio Criativo**. Rio de Janeiro, Sextante, 2000.

MELO, Victor Andrade de. Lazer, Modernidade, Capitalismo: um Olhar a Partir da Obra de Edward Palmer Thompson. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 45, jan./jun. 2010, pp. 5-26.

MILLER, Otto Carlos. El Parque Japonés, Historia y Literatura. **Historias de la Ciudad: una Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, n. 22, 2003.

MUTCHNICK, Letícia. Estacionamento, segurança, obras: o que mudou após a concessão do Ibirapuera. **UOL**. São Paulo, 03 out. 2021. UOL, n.p. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2021/10/03/concessao-parques-ibirapuera-construcap-frequentadores-melhora.htm#:~:text=O%20parque%20Ibirapuera%2C%20cart%C3%A3o%2Dpostal,e m%20outubro%20do%20ano%20passado>. Acesso em: 16 dez. 2024.

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. Do Velódromo aos Parques Infantis — Paradigmas e Contradições na Produção Social dos Espaços Lúdicos em São Paulo. In: GITAHY, M. L. C. (org.). **Desenhando a Cidade o Século XX**. São Carlos, Rima/Fapesp, 2005.

OLIVEIRA, Luciano José Albuquerque; RIGHI, Roberto. Os Espaços de Lazer: Gênese e Desenvolvimento do Conceito de Parque Temático. **Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, vol. 2, n.1, 2002, pp. 23-29.

SANTOS, Paulo César dos. Um olhar sobre as exposições universais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 22-26 jun. 2013, Natal (RN). **Anais...** Natal (RN): ANPUH, 2013. p. 1-15. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42500>. Acesso em: 08 jan. 2025.

SATIE, Anna. Governo de SP concede Zoo e Jardim Botânico por R\$ 111 milhões. **CNN Brasil**. São Paulo, 23 fev. 2021. CNN Brasil, n.p. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/governo-de-sp-concede-zoo-e-jardim-botanico-por-r-111-milhoes/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

TIMÓTEO, Jhoyce Póvoa. **A cidade de São Paulo em “escala humana”**: Luiz de Anhaia Mello e sua proposta de recreio ativo e organizado. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. DOI: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.410801>. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/410801>. Acesso em: 08 jan. 2026.

VIDOTTE, Ciro Cesar. Parque Dom Pedro II: uma antítese do espaço livre público em meio à metrópole paulistana. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 44, p. 154434, 2019. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.154434. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/154434>. Acesso em: 30 jul. 2024.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. L.], n. 14, p. 10–31, 2015. DOI: 10.46752/anphlac.14.2013.2331. Disponível em: Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2331>. Acesso em: 08 jan. 2026.

Endereço da Autora:

Larissa Maria de Oliveira

Endereço eletrônico: larissa.oliveira15@unifesp.br